

“PÃO POR DEUS, DIA DE FINADOS E OUTRAS TRADIÇÕES RETIRADO DE CRÔNICAÇORES – UMA CIRCUM-NAVEGAÇÃO

[HTTPS://WWW.LUSOFONIAS.NET/ARQUIVOS/429/OBRAS-DO-AUTOR/1024/CHRONICACORES-VOL-3-VOL-2005-2018-RASCUNHO-SEM-CORTES.PDF](https://www.lusofonias.net/arquivos/429/obras-do-autor/1024/chronicacores-vol-3-vol-2005-2018-rascunho-sem-cortes.pdf)

CRÓNICA 31 - DOS DIAS DE FINADOS DE VOLTA À MINHA INFÂNCIA, , 1 NOVEMBRO 2006

31.1. DIA DE FINADOS. ainda estou vivo

Entrei no café, depois de percorrer estes vinte e cinco passos habituais e diários. Ao balcão do Eurobar, no Largo da Igreja da Lomba da Maia, os clientes do costume a beberem os seus bagaços, cervejas, vinho de cheiro ou qualquer outra variante alcoólica. Raramente reparo neles, depois de atirar os meus bons dias, tardes ou noites. Conheço-os a todos, embora desconheça os seus nomes, com todos já falei em momentos vários. Podia descrevê-los ou às suas profissões mesmo sem lhes saber os nomes. Muitas vezes nem os ouço, nem os entendo com o seu rápido sotaque cerrado micaelense neles, depois de atirar mecanicamente os seus bons dias, tardes ou noites. Faces escalavradas pelo tempo, pelas horas sob este clima inclemente, ou meramente faces que eu não escrutino mais. Também não constato as pedras de basalto cinzento que orlam o passeio por onde sigo, nem tampouco me apoquento com as faces lavadas das casas que no verão são sempre pintadas de fresco como é hábito centenário antes das festas locais.

Nos montes ao longe lá estão as, sempre alpinistas, vacas, e os montes que na semana passada estavam castanhos já passaram, de novo a verde, com a chuva destes últimos dias. O mar confunde-se com o céu num horizonte que ora está cinzento ou azuláceo e que se perde para além do alcance da vista. A humidade escorre pelas paredes, pelas ruas, pelas casas, pelas faces e ninguém parece aperceber-se dela embora exista omnipresente e se note na camada de mildio que ocupa as faces de tudo o que é cabedal ou couro. Esta a realidade que me escapa e, no entanto, ela está lá. As pessoas continuam a levantar-se de noite embora a mudança da hora já traga os primeiros alvares da aurora pelas sete da manhã. Continuam a deitar-se cansadas depois de um dia, semana, ano de trabalho ininterrupto que apenas é entrecortado pelas festas da freguesia e por uma ou outra procissão ou evento de cariz religioso tradicional. Não as ouço queixarem-se da carestia de vida ou da má sorte que lhes repete destinos ingratos. Há uma certa resignação amargurada que se entrevê nas comissuras das peles rugosas e encarquilhadas. Os campos continuam a ser arados e as vacas mungidas, chova ou faça sol, seja feriado ou fim de semana.

A propriedade da terra é deveras sagrada embora sem os exageros transmontanos de se matarem uns aos outros por um metro de terra. A terra e as vacas são os únicos elementos mensuráveis da riqueza de cada um. Os filhos ainda são abundantes e vão à escola nos intervalos da ajuda nos campos, que não é opção, mas obrigação. Esta a realidade que não vejo, mas me rodeia porque ainda estou vivo.

O dia dos fiéis defuntos, dia dos mortos ou dia de finados é celebrado pela Igreja Católica no dia 2 de novembro, logo a seguir ao Dia de Todos-os-

Santos. No séc. 1 os cristãos não rezavam pelos mortos. Essa nunca foi uma prática da chamada, "Igreja Primitiva". Pelo contrário, líderes como o apóstolo São Paulo orientavam o povo cristão a não se preocupar com a situação dos mortos, como os pagãos - os não cristãos - faziam (1Ts 4.13).¹

Desde o séc. I, os cristãos rezavam pelos falecidos, visitando os túmulos dos mártires para rezar pelos que morreram. No séc. V, a igreja dedicava um dia do ano para rezar por todos os mortos, pelos quais ninguém rezava e dos quais ninguém lembrava. Também o abade Cluny, santo Odilon, em 998 pedia aos monges que orassem pelos mortos. Desde o séc. XI os papas Silvestre II (1009), João XVII (1009) e Leão IX (1015) obrigam a comunidade a dedicar um dia aos mortos. No séc. XIII esse dia anual passa a ser comemorado em 2 de novembro, porque 1 de novembro é a Festa de Todos os Santos.

Na cultura judaico-cristã que nos rodeia, esta recordação dos que já morreram assume uma grande importância, quanto mais não seja para pensarmos que outra vida melhor nos espera. Quem não se deu conta que aspiramos à eternidade e sentimos que essa aspiração se concretiza na memória dos que conviveram com cada um de nós. Há um dia expressamente dedicado a este fim, a essa saudade. Essa é a razão que motiva muitos dos que vivem longe dos locais onde nasceram, a visitá-los uma vez em cada ano, e isso torna-se bem mais visível no interior do país, onde, cada vez vive menos gente. O dia de finados é uma evidente expressão da cultura lusófona a que pertencemos e manifesta-se em todos os povos que se exprimem culturalmente em português.

Nota-se, pelo menos eu assim o observo empiricamente, um nítido decréscimo de participação comparativamente à minha infância, o que quer dizer uma de duas coisas, ou há menos gente a acreditar na vida além-túmulo ou isto parece estar destinado apenas aos mais velhos que eu. O decréscimo de crentes católicos em Portugal deve contar para isso pois apesar de no último censo serem 92,2% apenas 10% ia regularmente à missa... Eu tenho para mim que não é preciso haver um dia no calendário, propositadamente colocado a seguir ao Dia de Todos os Santos. Ora esta data tem ainda algum relevo para uma minoria, e obviamente um dia de Finados em dia de laboração normal não deixa grande margem de manobra para as pessoas irem aos cemitérios, depois de se levantarem cedo, deixarem os filhos na escola, voltarem do trabalho, irem buscar os filhos ao ATL (tempos livres), prepararem o jantar, etc.

Penso que cada um, na reclusão do seu lar, deve dedicar todos os momentos que quiser ou sentir necessidade a homenagear os seus mortos, da forma como melhor o entender. Por vezes, bastará um pensamento ou uma lembrança de como eles nos fazem falta num momento de dor, de alegria, de dúvida. Essa sim seria uma forma mais adequada de nos lembrarmos daqueles que nos deixaram e de quem sentimos a falta, porque - não o neguemos - há muitos que nos deixaram e de quem não sentimos falta nenhuma...esta coisa da religião, cria hipocrisias que nos levam a venerar todos os mortos mesmo aqueles que não queremos ou por quem nada sentimos, incluindo antepassados que nunca conhecemos.

Desde há muito que dedico momentos silenciosos de pausa na minha vida para me recordar daqueles que gostaria estivessem comigo em determinados momentos, para saborear com eles uma vitória pessoal ou profissional, para partilhar com eles um triunfo particularmente interessante ou apenas para eles nos darem uma palmada congratulatória nas costas. São meus companheiros de sempre mesmo que já não estejam no rol dos

¹ Retirado de http://pt.wikipedia.org/wiki/Dia_dos_f%C3%A9is_defuntos

vivos, a sua memória perdura e dessa forma os homenageio, sem vasos nem flores, nem peregrinações ao sítio onde deixaram as ossadas terrenas. Talvez o faça por ser assim que gostaria me recordassem, tanto mais que desde 1974 decidi que iria ser cremado e com as cinzas lançadas ao mar. Na altura exigia o Oceano Pacífico, mas dada a distância a que estamos agora creio que terei de me satisfazer com o Atlântico Norte.

De repente, dei comigo a pensar que sou demasiado exigente com o meu filho mais novo, tal como o meu pai foi exigente comigo e creio estar errado. Vou tentar emendar-me. Fui bafejado com uma criança inteligente, ativa e dinâmica, sem dificuldades no ensino e continuo a exigir dele uma calma e uma atitude que – eu próprio - só tive em fase adiantada da minha vida. Repito afinal trajetos genéticos nesta ânsia de ter um filho que sofra menos do que sofri até encontrar esta estabilidade emocional e psíquica que atravesso. Quero inculcar-lhe esta ética de trabalho, de dedicação e respeito pelos outros que raramente se vê nos jovens hoje em dia e que caracterizaram a maior parte da minha vida. No resto não preciso de lhe inculcar nada pois ele sai ao pai e irá decerto beneficiar duma educação mais independente, destes tempos livre mais desacompanhados do que eu tive, andando por esta aldeia de bicicleta, a brincar com os amigos e a descobrir o que quer que ele ande a descobrir.

CRÓNICA 60 DO HALLOWEEN A OUTRAS TRADIÇÕES SEMELHANTES, 1-22 NOVEMBRO 2008

60.1.1. DIA DE BOLINHOS OU DIA DE TI BOLINHOS

É milenária a origem das comemorações do dia 1 de novembro, designado como o "Dia de Todos os Santos". Nalgumas aldeias de Portugal, ainda se comemora duma forma curiosa este feriado. Na tradição popular, o Dia de Todos os Santos, é conhecido pelo "Dia do Bolinho" ou "Pão de Deus" conforme a região. As crianças em pequenos grupos com as suas sacolas de pano, andam de porta em porta, desde manhã cedo, por ruas e vielas, repetindo o "Ó tia! dá bolinho?". Em meios rurais, há ainda quem leve a rigor esta tradição preparando bolinhos com massa, noz, passas e frutos secos.

Para os católicos no dia 1 de novembro é hábito a ida ao cemitério para aí depositarem flores nas campas dos que já abandonaram a slides terrenas. No dia 2 de novembro é o Dia de Finados.

Na época de Cristo, na Irlanda, Reino Unido e França, os celtas comemoravam o ano novo no dia 1 de novembro. Isto representava o fim do verão e o início do outono, a época das colheitas, antecedendo a escuro e fria inverno, sinónimo de temporais e morte. Os Druidas consideravam o dia 31 de outubro como o "Samhain" (Senhor da Morte e Príncipe das Trevas) ou o "Dia das Almas", celebrando a passagem entre a vida e a morte e onde reinava o espírito duma prática fantasmagórica.

Com o advento cristão, já no século VII, o Papa Bonifácio IV designou o dia 1 de novembro como "Dia de Todos os Santos" e conseqüentemente a noite de 31 de outubro passou a ser chamada de "Noite de Todos os Santos" e assim se alterou uma celebração de cariz profano.

60.1.2. PERÍODO PRÉ-CRISTÃO

Acreditava-se que os espíritos dos mortos voltavam para visitar os seus familiares em busca de calor e mantimentos, pois o inverno aproximava-se com o reinado do Príncipe das Trevas.

Os Druidas invocavam forças sobrenaturais para acalmar os espíritos, que raptavam crianças, destruíam colheitas plantações e matavam os animais das quintas.

Nessa noite, acendiam-se fogueiras nas colinas para guiar os espíritos ou para espantarem as bruxas. A inclusão de feiticeiras, fadas e duendes nesses rituais, resulta da crença pagã de que, na véspera do Dia de Todos os Santos havia espíritos que se opunham aos ritos da igreja de Roma, e vinham ridicularizar a celebração de Todos os Santos. Supunha-se que os fantasmas pregavam partidas e causavam acontecimentos sobrenaturais.

60.1.3. PERÍODO CRISTÃO

Com o decorrer dos anos, a comemoração do Halloween tornou-se alegre e divertida, sem os aspetos tenebrosos da tradição céltica, tornando-se divulgada na América pelo influxo escocês após 1840.

Alguns dos costumes foram mantidos e outros mudados. As Jack-O-Lanterns eram feitas com nabos e passaram a ser feitas com abóboras, sendo um símbolo de origem irlandesa.

60.1.4. JACK-O-LANTERN

A lenda fala de Jack que não conseguiu entrar no céu por ser muito avarento, tendo sido expulso do inferno por pregar partidas ao próprio diabo. Foi, então, condenado a vagar eternamente pela terra carregando uma lanterna para iluminar seu caminho.

Outra versão conta a seguinte história: um homem bêbedo e agressivo chamado Jack bebeu demais e o Diabo desceu à Terra para levar sua alma. Jack, pediu para ele o deixar viver e beber mais um copo. O Diabo cede, mas Jack não tem dinheiro para pagar e o Diabo transforma-se em moeda na sua carteira. Só que o fecho tem o formato de uma cruz, fazendo com que o Diabo suplique para sair. Jack, então, resolve propor libertar o Diabo e ficar vivo por mais um ano. O Diabo concede o pedido a Jack, que resolve mudar seus hábitos, passando a ser menos violento com sua família. No ano seguinte, exatamente no dia 31 de outubro, o Diabo volta e reclama a sua alma. Jack convence-o a pegar uma maçã numa árvore próxima e sem que ele perceba, risca uma cruz no tronco com um canivete. O Diabo foge e promete só retornar dez anos depois. Mas Jack não aceita e diz que só irá libertá-lo se ele nunca mais aparecer. O Diabo concorda mais uma vez. Mas passa-se um ano e Jack morre. É impedido de entrar no céu, e vai para o inferno, onde a sua entrada é recusada pelo Diabo, que fica com pena da alma de Jack e oferece-lhe um pedaço de carvão que usa para iluminar um nabo esculpido em forma de lanterna. Ela vai iluminar os caminhos do espírito de Jack. Daí o nome Jack O'Lantern, uma alma errante vagando pelo mundo dos vivos.

60.1.5. "TRICK OR TREAT" (TRAVESSURAS OU GOSTOSURAS)

Também originária da Irlanda, onde as crianças iam de casa em casa pedindo provisões para as comemorações do Halloween, em nome da deusa Muck Olla. Esta tradição ganhou roupas extravagantes, máscaras e todos se vestem carnavalescamente como fantasmas, bruxas, duendes, gnomos, Dráculas, Frankenstein, ou outras formas aterrorizadoras.

Vão batendo de porta em porta, carregando abóboras iluminadas com velas, pedindo doces e dizendo: "Trick or Treat". Quem não lhes dá nada recebe uma pequena vingança. O nome de Halloween, adaptado de "All Hallows Eve", significando véspera de Todos os Santos.

As fogueiras eram acesas nas casas durante as comemorações. Os vivos que não queriam ser possuídos apagavam o fogo para que o local parecesse ser frio e indesejado, além de se vestirem com fantasias de criaturas assustadoras e desfilarem na vizinhança para afugentar os espíritos que vagavam.

Conta a lenda que na festa de Samhain, as fogueiras das casas eram acesas a partir das brasas de uma fogueira sagrada.

Para levar a brasa, os moradores usavam um nabo como se fosse um lampião.

Daí, os irlandeses, assim como Jack, passaram a esculpir nabos e também beterrabas e usá-los como lanternas ou lampiões quando emigraram para a América, não encontraram nabos e beterrabas em grande quantidade, tendo que os trocar por abóboras.

CRÓNICA 122 O FIM DE UMA TRADIÇÃO NOVº 1, 2012

122.1. A MORTE DA TRADIÇÃO

Termina hoje sem pompa nem circunstância, nem tampouco notícia no jornal, uma tradição milenar. Não morreu por falta de entusiasmo ou de praticantes, morreu por mero decreto governamental, que, obviamente, nunca ouviu falar dela, jamais a partilhou, ou sentiu, habituados que estão

agora acomodarem-se nas suas torres de marfim longe de tudo e de todos, alheios ao povo que sugam com impostos como sanguessugas que são, sem tempo para tradições ou costumes. Falo do *Pão por Deus* que esta manhã, na pacata Lomba da Maia nos obrigou a levantar antes das nove da manhã, com bandos de crianças a baterem à porta pedindo o Pão por Deus. Uma chusma deles, perdi a conta, mas bateram mais de doze vezes até ao meio-dia, em grupos, maiores ou menores, creio que o maior era de uma dezena. Não se trata do *Halloween* nem do *trick or treat* com jovens disfarçados de bruxas e quejandos que batem às portas dos norte-americanos na noite de *Halloween*. Eram jovens desde a primária até à secundária (a partir dos 14 ou 15 anos desinteressam-se destas tradições) que sem o saberem cumpriam este ritual pela última vez, dado que o - cada vez mais tirânico e déspota Governo do senhor Passos Coelho - assim o decretou. O feriado de Todos os Santos, acaba neste ano de 2012. Não virá grande mal ao mundo e quem mais o lamentará serão os/as vendedores/as de flores, de velas e outros artefactos típicos desta homenagem aos mortos. A Santa Igreja também não deve entender que prestar preito aos mortos atraia grandes adeptos e vai daí acedeu a este cancelamento da data feriado. Ora com a dificuldade que tem atualmente em atrair vivos não ficaria mal ter persistido em manter os mortos na cena das celebrações em dia feriado. Foi um dia feriado tradicionalmente utilizado para recordar entes falecidos. O Dia dos Fiéis Defuntos é a 2 de novembro, mas, por questões de ordem prática, passou-se a usar o 1 de novembro para visitar e recordar os falecidos. Foi celebrado pela última vez em 2012 [1] pois para o ano todas estas criancinhas estarão nas suas escolas e daqui a algum tempo, mais ninguém se vai lembrar de como era costume andarem em bando a bater às portas. Não me lembro, ao crescer na urbana cidade do Porto, de tal tradição embora ela se tivesse mantido viva nas zonas mais remotas e nas aldeias do interior até recentes anos, mas aqui nos Açores, desde há oito anos que nos acostumámos a ela...o toque incessante da campainha e a dádiva de rebuçados e doces...num dos anos até se acabaram os que havíamos comprado e tivemos de ir reforçar o estoque. No livro *Crónica Açores* (vol. 2 de 2011) narro a génese da tradição que ora termina como se pode ler na crónica 31

122.2. CREMAÇÃO

Eu observava, empiricamente, um nítido decréscimo de participação popular nos ritos, comparativamente à infância. Há menos gente a acreditar na vida além-túmulo ou a participação restringe-se aos mais velhos. O decréscimo de crentes católicos em Portugal é notável. No último censo eram 92,2 %, mas só 10 % ia à missa. Opino não ser preciso haver um dia assinalado no calendário, propositadamente colocado a seguir ao Dia de Todos os Santos, que é uma data com algum relevo. Obviamente, um dia de Finados em dia de laboração normal não deixa grande margem de manobra para alguém ir aos cemitérios, depois de se levantar cedo, pôr os filhos na escola, voltar do trabalho, ir buscar os filhos ao ATL (tempos livres), preparar o jantar, etc. Cada um, na reclusão do seu lar, deverá dedicar os momentos que quiser ou sentir necessidade para homenagear os seus

mortos, da forma que melhor entenda. Por vezes, bastará um pensamento ou lembrança em instâncias de dor, alegria ou dúvida. Seria mais adequado para evocar aqueles que mereciam ser recordados. Não o neguem, há muitos cuja ausência não é sentida, quer pela sociedade, quer pelos familiares. Outros deveriam ser proibidos de serem evocados. A religião cria hipocrisias que levam a venerar todos os mortos mesmo os que não merecem qualquer espécie de sentimento ou os antepassados que nunca conheceram. Há muito que dedico momentos de pausa para recordar, aqueles que gostaria que ainda estivessem comigo. Para saborearmos juntos uma vitória pessoal ou profissional. Para partilharmos um triunfo particularmente interessante. Tão-só para receber uma palmada congratulatória nas costas. Somos companheiros de sempre. Mesmo que já não estejam no rol dos presentes. Por vezes, dialogo com eles, de forma não audível. Falo-lhes. Mesmo sem respostas, continuo num feliz solilóquio. Talvez gostem de ser recordados assim. A sua memória perdura. Dessa forma os homenageio. Sem vasos nem flores, nem peregrinações ao sítio onde deixaram as ossadas terrenas, ao contrário da minha mãe que mantém, há décadas, uma romagem semanal ao cemitério de família (em Agramonte, Porto).

Já assisti em 1974 e 1975 em Bali (Indonésia) à cerimónia religiosa que mais me marcou: o Ngaben, rito da cremação ([detalhes em Crónica 10](#)). Muitos acreditam ser a mais importante. A religião hindu balinesa crê que a alma se reincarna, após passar por várias fases. Como os balineses se reúnem em grupo para conversar e contar histórias, é provável que os espíritos façam o mesmo. As procissões, além de coloridas e festivas, são complicadas, pois andam em círculos. Vale tudo para confundir os espíritos. Durante anos tive essa cláusula da cremação num testamento, o que muito espantara a minha mulher, descrente de coisas dos orientes exóticos. Sabida a distância, o Atlântico deverá bastar, pois a viagem para o outro lado do oceano é longa. Talvez mais demorada do que para a outra vida em que não acredito. Nem na luz ao fundo do túnel. Não pretendo ter os ossos esquecidos no jazigo de família sem alguém que vá e me visite. Não quero que a capela onde repousam gerações de antepassados fique cheia de ervas daninhas. Não deverei ter a visita de filhos na última morada, já que não me visitam enquanto cá ando e mais difícil seria que me fossem saudar nesse eterno repouso inventado pelos cristãos. Prefiro que as cinzas desapareçam, e a remanescer algo, que reste a memória e os meus escritos. A propósito deste escrito acrescentava a Joana Mota Vanzeller

Aqui que eu saiba "Pão por Deus" não era uso.

A primeira vez que ouvi, foi em S. Miguel.

Eu ia na rua e uma velhinha disse-me "pãprdê"...

Não percebi, e perguntei se ela tinha perdido alguma coisa e ela repetiu umas poucas de vezes e eu envergonhada pedi desculpa e deixei-a.

Cheguei a casa e contei ao meu Pai - Riu-se - traduziu...

Hoje, claro fui à missa.

Já nem me lembrava que este era o último Dia Santo, dia 1 de novembro o dia de Todos os Santos!

Em que para acumular se junta mais ou menos o dos "Fieis defuntos" que tenho ideia de, em pequena, ser feriado também.

Esse é que era o dia de ir aos cemitérios.

*Recordar e rezar pelos mortos da nossa Família.
Mas acabou foi considerado inútil e ridículo substituído pelas bruxas...
Uma tradição cheia de nexos...
A vez de quem vende chapéus em bico e abóboras.
Todos têm direito a ganhar a sua vida.
Lá andam os meninos com a ridícula fardeta de bruxa...deambulando sem sentido nenhum por essas ruas...
Mas ainda há muita gente gastando, para bem das floristas, o dinheiro que tem e não tem, para pôr a campá mais enfeitada do que a do vizinho...
Chegam ao ponto de fazer roupa...para bem dos vendedores de roupa, certamente dos Chineses, que o dinheiro não dá para mais...para estar todo o dia no cemitério!
Eu, como os cemitérios onde está a Família, estão longe - um em S. Miguel outro em Aveiro...mando pôr lá duas velas um ramo de Verdes para não ficar com ar de abandonado.
Eu agora irei lá, como se costuma dizer, com os pés para a frente... ou mais moderno, num potinho com tampa...
O acabar de dias santos era para serem todos e ficaria suponho que só natal.
Natal, com o Pai Natal.
E a Páscoa - com o coelho que põe ovos.
Uma coisa que tenha interesse, enfim alguma coisa original e com piada!
Que isto de poder ser católico é uma coisa que não tem razão de ser...
Religião que se respeita só a dos árabes.
As autoridades da Igreja conseguiram negociar acabar dois dias (já não me lembro qual é o outro) contra dois feriados civis.
Mas como não tenho já a certeza como é depois...o Daniel (de Sá) diz... (Desculpe Daniel [de Sá] ---mas...já ficou nosso costume.)
O Padre lastimou que governos quebrassem tradições, tirassem as memórias e história dum costume que em toda a Europa há, penso eu.
Pelo menos em França era um dia marcado dantes.
Agora com esta preocupação de manter o pessoal a trabalhar, não sei.
Só quem pode fazer as suas tradições são os árabes aí eles baixam a orelha...
Agora aqui os palermas dos nativos "Vai trabalhá Vágábundo" que tem que se pagar a quem não trabalha...
Alguém ouviu sobre aquele serviço de saúde em Guimarães em que as mulheres têm quarto particular um tapete para as rezas, sal e pimenta para a comida, médica especial, têm que os médicos aprender árabe e cumulo só comem carne de ovelha morta lá como eles querem - só há um talho para fazer aquela barbaridade. Claro que não disseram como era o matar os cordeiros pela tradição da religião Islâmica...é o dizes...
Nessas coisas não se fala, que é discriminação racial.
bj Joana*

CRÓNICA 167 PÃO POR DEUS, HALLOWEEN E ETC. 1 NOV 2016

Ainda não é meio-dia e já tocaram à porta, umas quinze vezes, bandos de crianças que perpetuam o "Pão por Deus". Tradição centenária em Portugal e nas 9 ilhas dos Açores. Este ano até a Junta de Freguesia da Lomba da Maia abriu as portas para dar os doces às crianças.... Vejamos como o descrevi em 2006, no meu livro *Crónica Açores* uma circum-navegação volume 2 Halloween [\(ler Crónica 60\)](#)

CRÓNICA 10.3. ... O NGABEN EM BALI

A não perder é, sem dúvida, a cerimónia religiosa que mais me marcou em toda a vida: o Ngaben, cerimónia da cremação. Muitos acreditam que esta é a cerimónia mais importante de Bali, porque catalisa todas as crenças que se manifestam nas cerimónias públicas e rituais mais privados.

Como os rituais indicam, a religião hindu balinesa acredita que a alma da pessoa se reencarna, e tem de passar por várias fases para atingir a Moksha, ou a libertação eterna. Os que não conseguem atingir a perfeição voltam ao mundo e têm de atravessar as mesmas fases, em busca da libertação.

Depois da morte, os cinco elementos cósmicos - ar, terra, fogo, água, e espaço exterior - acompanham a pessoa na viagem após a morte, e ajudam-na a atingir a Moksha.

Esta cerimónia do Ngaben não pode ser feita a qualquer dia nem pode ser oficiada por qualquer pessoa. Terá de se determinar um dia propício e a família do morto ou morta deverá financiar a grande cerimónia e festa. Se o dia propício à cremação só chegar anos após a morte, constitui um problema para a alma da pessoa, que não pode ser libertada.

Durante esse compasso de espera o corpo é temporariamente enterrado. Quando chega o dia da cremação, o corpo é desenterrado para a cerimónia. Se uma comunidade tiver vários corpos enterrados com as famílias a esperarem a época propícia para a cremação, é possível haver uma cremação conjunta, o que ajuda às despesas. Esta procissão não pode ir diretamente para o lugar da cremação, porque se o espírito do morto se lembrar de onde vivia, pode voltar para importunar a família, pelo que será preciso confundí-lo quanto ao caminho de regresso à casa da família.

Também é necessário atrapalhar os possíveis espíritos desocupados que se encontrem pelo caminho da procissão e resolvam segui-la. Se considerarmos que o espírito do morto também se pode lembrar de onde vivia, isto resultaria numa grande confusão de espíritos, trazidos pelo espírito do parente morto para apoquentar a família.

Os balineses têm por hábito reunir em grupos para conversar e contar histórias, portanto não seria de estranhar que os seus espíritos continuassem a fazer o mesmo, e acabassem por ir bater à casa do morto. Isto faz bastante sentido, e motiva a que as procissões funerárias, além de serem coloridas e festivas, também sejam complicadas, porque envolvem andar em círculos, definir caminhos de ida e volta, enquanto um sacerdote sentado no andor deita uma aspersão de água benta na procissão e nos que se encontram à beira da estrada, para protegê-los.

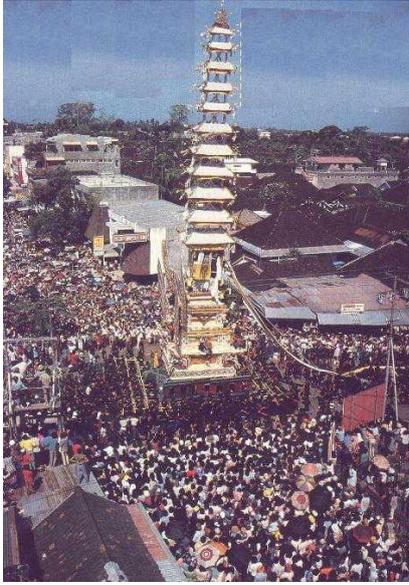
Vale tudo para confundir os espíritos. Todos os membros duma comunidade têm que participar no evento e contribuir de alguma maneira, mesmo quando a família é rica. Depois da cremação propriamente dita, as cinzas são dispersas no ar e na água (de um rio ou do mar). O corpo deve estar contido num sarcófago com a forma de animal e a escolha do animal varia de etnia para etnia. Alguns são inteiramente surrealistas, formando-se pela mistura de elefantes com peixes ou algo semelhante.

Os corpos são envolvidos com finos tecidos - os mais caros que a família puder dispor - e são transportados numa espécie de andor que pode ter apenas um telhado no caso das pessoas pobres e até 11 telhados, o máximo permitido apenas para os reis. A altura desse andor ou armação em bambu, pode chegar até 25 metros e o transporte pelas ruas pode necessitar de 400 pessoas desde a casa do morto até ao local de cremação, cumprindo rituais de dança que fazem a torre girar perigosamente.

A mais impressionante a que assisti - talvez por ser a primeira - ocorreu em plena praia de Kuta e o sarcófago era em forma de vaca. Presentes centenas de pessoas, num dia bem quente e húmido, em fevereiro (1975). O cortejo foi levado ao local da cremação, onde o falecido foi devolvido aos cinco elementos originais: a terra (Pertivvi), a água (Apah), o fogo (Teja), o ar (Bau), e o éter (Akasa).

O corpo transportado numa espécie de andor de bambu enfeitado de flores, espelhos e sedas coloridas. Este andor tem um tamanho determinado pela importância do morto e é carregado nos ombros de homens da comunidade. Toda a gente dançava e cantava em volta do andor após ter sido ateado o fogo. O cheiro era intenso, mas não desagradável numa atmosfera surreal, que não se explica, mas se vive, em presença de toda a conjugação de elementos. Depois das várias horas que demorou a arder, os convivas meteram-se em canoas e foram para o mar onde se despojaram das cinzas. Talvez tivesse sido esse dia indeterminado aquele em que decidi que queria ser cremado com as cinzas deitadas ao Pacífico Sul. Durante muitos anos tive essa cláusula num testamento válido à época, o que muito espantara a minha atual mulher, descrente dessas coisas dos orientes exóticos.

Curiosamente, em outº 2016, a Igreja Católica desaconselhava as cinzas e proibia que fossem guardadas em casa ou lançadas ao mar, estipulando que deveriam ser guardadas em local de culto...



NGABEN EM BALI. TORRE COM 11 TELHADOS, O MÁXIMO PERMITIDO, DESTINADA AO TRANSPORTE DO MORTO DE SUA CASA ATÉ AO LOCAL DA CREMAÇÃO. O NÚMERO MÁXIMO DE TELHADOS INDICA A MORTE DE UM REI. QUATROCENTAS PESSOAS TRANSPORTARAM ESSA TORRE DE 25 METROS, COM O REI PEMECUTAN MORTO. A HONRARIA DOS 11 TELHADOS SÓ É CONCEDIDA AOS NOBRES BRÂMANES – ALTOS SACERDOTES. QUASE 600 PESSOAS FORAM CREMADAS NESSE DIA EM UM RITUAL SEMELHANTE A UMA FESTA, COM BEBIDAS E DOCES EM PROFUSÃO